

Organização:	Universidade de Coimbra; Coimbra Editora
Palestra:	<i>Ortotipografia e Microtipografia em textos científicos</i>
Orador:	Antero Ferreira
Local:	Galeria Almedina, Coimbra
Dia:	26 de Outubro de 2006; 18:00 horas

¶ A Génese do Livro

O Livro é um objecto impresso de grande complexidade, pois a sua produção pode reflectir uma imensidão de conhecimentos (intelectuais e/ou tecnológicos) culminando em classificações incontornáveis, tais como: livro único, livro raro, livro objecto, livro jóia ou livro de artista. Isto significa que, a preparação, organização e edição de um texto original pode implicar processos tão distintos e especializados, que vão desde a criação literária, escrita criativa, família tipográfica, arquitectura da página, concepção de imagens, revisão de provas, matéria prima papel, encadernação até à impressão e acabamentos. Este ciclo de criação e produção pode perdurar anos, atingir custos incomportáveis, inclusivé, levar o editor à falência.

Assim, por razões óbvias, a História do Livro através de testemunhos orais ou escritos, cujos conteúdos ficcionados ou científicos têm comprovado que a linguística tem acompanhado a evolução orto-micro-tipográfica, nomeadamente a língua, a gramática, a pontuação, a sintaxe, o parágrafo, a letra, o espaço branco, a tipometria, a cor do texto, a legibilidade, etc., resultam numa dialéctica entre a História e o Conhecimento.

Por outro lado, a Tipografia, etimologicamente falando, tem passado por definições híbrido-mutantes pois desde a galáxia de Gutenberg tem-se assistido a sucessivas reinterpretações reivindicadas através de panóplias de actos colectivos ou individuais, tais como: manifestos, congressos, *workshops* ou dissertações. A Arquitectura Gráfica (Begoña Simón, 2001), a Tipometria: a medida tipográfica (Oriol Moret, 2006) e a Tipografia Digital (Daniel Rodríguez, 2006), são exemplos recentes de teses de doutoramento que testemunharam o reconhecimento alienável destas disciplinas e subdisciplinas matriciais da *praxis* do Design de Comunicação —

não tenhamos dúvidas: em breve assistiremos a novas incursões doutorais sobre Ortotipografia e Microtipografia.

Por esta razão, hoje, aqui, perante tão ‘nobre encontro’ na Cidade do Conhecimento, onde Universidade, bibliotecas, e editores, são elos fortes da alma e identidade coimbrã, quisemos aproveitar esta oportunidade para expor uma breve visão sobre a origem e o significado da orto-micro-tipografia, na expectativa de que os exemplos apresentados, também a partir de textos científicos produzidos nesta cidade, nos levem também a sugerir estarmos na ‘Cidade do Livro’, honrando singelamente os pergaminhos da sua Universidade.

¶ Ortotipografia

‘No início do segundo milénio a.C. uma lápide fenícia esculpida a martelo continha cerca de vinte e dois signos alfabéticos que permitiam expressar tudo quanto se queria dizer. Quatro mil anos depois, um operador de informática necessita de cerca de cento e cinquenta signos para compor um texto de uma publicação de carácter geral. Por fim, a humanidade logrou descobrir arduamente as vantagens da separação das palavras, dos sinais de pontuação, da distinção entre maiúsculas e minúsculas, a numeração romana e árabe, a diferença entre redondo e cursivo, etc. Para se orientar no mundo das letras já não chega a velha urbanidade ortográfica: na era pós Gutenberg, a Ortotipografia impõe-se. Os manuais contemporâneos auxiliam autores, tradutores, *copywriters*, editores, técnicos e *designers* gráficos, nas subtilezas do protocolo, da etiqueta e dos bons costumes da letra impressa neste terceiro milénio [...] Organizar um original descuidado e mal concebido é uma tarefa superior’ [Josep M. Pujol; Joan Solà, Barcelona 1995].

Este (ainda) invulgar termo foi introduzido à quase quatrocentos anos pelo humanista alemão Hieronymus Hornschuch (1573–1616), numa edição em latim (Leipzig: M. Lantzenberger, 1608), do seu manual de correcção *Orthotypographia*, cujo subtítulo se traduz do seguinte modo: manual de correcção e conselhos úteis e necessários, para a publicação de documentos escritos. Segundo alguns eruditos na matéria, como os professores Philip Gaskell (Londres, 1972) e Frans A. Janssen (Roma, 1985), não se trata de um manual de impressão mas sim de um manual de correcção de provas. Ou seja, estamos perante uma obra de suporte aos tipógrafos-impressores para a transcrição de manuscritos vernaculares, pois os copistas preocupavam-se mais com a caligrafia do que com a

ortografia [Gaskell]. Mais, esta obra foi adaptada, ou mesmo plagiada, no mesmo ano, pelo famoso tipógrafo-impressor francês Christophe Plantin (c. 1520–89) que introduz regras mais pragmáticas e sofisticadas, próprias de uma casa-impressora tão prolífera como a sua; só a título de exemplo citamos a famosa Bíblia Poliglota (1572) impressa em cinco línguas. Essas novas regras contemplavam, por exemplo, um regulamento interno para os seus revisores e correctores de impressão, e um método de revisão que implicava uma leitura adicional em voz alta [Janssen] — por outras palavras, uma revisão duplamente sensorial (visão e audição) — método ainda hoje em voga!

‘O lema reformador de Petrarca (1304–74) em relação à capacidade narrativa do texto só pode ser entendido a partir de uma consciência e visão global homogénea, aquela que abarca como capacidade expressiva a totalidade da presença textual; isto é, desde o mais puro significado das palavras até à sua apresentação na página mediante a sua formalização gráfica’ [Enric Tormo, Barcelona 2004].

Algumas curiosidades medievais

- 1400–2 O calígrafo florentino Poggio Bracciolini (1380–1459), secretário do Papa Bonifácio IX, escreve um texto que mostra pela primeira vez os traços característicos da minúscula humanística; a claridade e legibilidade desta letra converteu-a numa das letras preferidas de códices, expandindo-se rapidamente por toda a Itália, sendo introduzida no último terço do século XV;
- 1460 (±) O Johann Schoeffer (1475?–1531) reivindica pela primeira vez o termo ‘Tipografia’ num colofão de um saltério; este facto origina a atribuição da invenção da Tipografia a Gutenberg e seus sócios [Tormo, 2006];
- 1478 O impressor veneziano Gabriel Pierre imprime as *Sátiras* de Juvenal (Decimus Lunius Luvenalis) onde surgem pela primeira vez uma ‘Fé de Erratas’ que rectificam os erros tipográficos cometido na composição da obra [Jorge Peixoto, Coimbra 1960/1];
- 1506–9 O teólogo e humanista holandês Desiderius Erasmus Roterodamus (1466?–1536) foi corrector da famosa casa editorial do impressor veneziano Aldo Pio Manuzio (1449–1515) [Tormo, 2006];
- 1549 D. João III (1502–57) nomeia, por provisão régia, o lugar de revisor da imprensa da Universidade de Coimbra, determinando que este deveria emendar todos os escritos

- ‘de maneira que se imprimisse e acabasse com toda a perfeição, como deve ser’;
- 1557 D. João III nomeia por alvará régio um corrector para a imprensa da Universidade de Coimbra;
- 1683–4 O impressor inglês Joseph Moxon (1627–91) edita, em Londres, *Mechanick Exercises on the whole Art of Printing*, considerado o mais antigo manual de impressão.

Conclusão

Assim sendo, podemos entender a Ortotipografia, etimologicamente, como a tipografia correcta (do grego: *direito, correcto, recto, exacto* [José Pedro Machado, Lisboa 1952]); e, em termos científicos, a disciplina que determina os princípios reguladores e normativos da composição de textos, de maneira que estes possam ter uma leitura fácil, eficaz e agradável.

¶ **Microtipografia**

O termo Microtipografia (*Mikrotygrafie*) foi aplicado pela primeira vez a 19 de Outubro de 1982 pelo tipógrafo e designer editorial suíço Jost Hochuli (1935–), durante o seu discurso na Sociedade Tipográfica de Munique (publicado em 1984). Desde então generalizou-se na literatura especializada através do termo menos pretensioso ‘Tipografia do Detalhe’ (*Detailtypografie*).

Enquanto que a Macrotipografia — ou seja a tipografia dos elementos maiores, o conceito tipográfico, também denominado por *layout* — se ocupa do formato, do tamanho e da definição das colunas de texto, assim como das imagens, da hierarquia dos títulos e das legendas, a Microtipografia ocupa-se das seguintes unidades: da letra, do espaço entre as letras e as palavras (entre letra; *letterspace*), do espaço entre as palavras e as linhas (entrelinha; *leading*), etc. Estas são as unidades que tipógrafos e designers gráficos consideram com frequência como alienáveis e não discutíveis com outra opinião, pois estão fóra do âmbito ‘criativo’.

Com a desaparecimento da composição de tipos de chumbo e toda a indústria envolvente, algumas questões desta complexidade produtiva tomaram outra importância na medida em que o poder de decisão foi-se transferindo do produtor de tipos de letras para aqueles que as utilizam. O chumbo, rígido e inalterável, seria substituído pela película e por uma nova tecnologia: a fotocomposição. Se bem que os que utilizavam os caracteres — sejam tipografias ou meras

oficinas de composição manual —, tenham sabido dominar a transformação técnica sem grandes dificuldades seriam, no entanto, surpreendidos pelos problemas formais com que está relacionada; muitos foram os que previram a evolução da composição e que novas circunstâncias exigiriam uma formação do tipógrafo-compositor mais sistematicamente formal.

Ao falarmos de formal, não nos referimos primordialmente às questões estéticas no sentido da liberdade estética ou gosto pessoal, mas mais àqueles elementos visíveis que tornam possível a configuração óptima do texto. Sendo esta a meta de todo o trabalho tipográfico com uma quantidade considerável de texto, as questões formais convertem-se em questões relacionadas com a sua legibilidade. Assim sendo, o formal separa-se em grande parte do âmbito da Microtipografia, da eleição pessoal. A fisiologia do olho humano será quem decide [Hochuli, 1984].

Moral da história

‘A disposição do material impresso, independentemente da sua intenção, raramente coincidirá com as do autor e leitor’ [Stanley A. Morison (1889–1967), 1929].

Porto, 26 de Outubro de 2006